

RUBINHO BARRICHELLO DO BRASIL!

por Samuel Costa Filho*

Acabo de assistir ao Grande Prêmio da Europa, realizado em Valência, que teve a vitória de Rubens Barrichello. Este, após cinco anos, voltou a subir no pódio, retornando a brigar pelo título de campeão na temporada 2009. Foi a 10.^a vitória desse piloto na Formula 1 e a centésima de um piloto nascido no Brasil. Como era de se esperar, a disputa foi marcada por uma transmissão altamente parcial e ufanista do locutor Galvão Bueno, recheada de elogios, muitos disparates e muita tolice.

Nesse momento, veio-me à mente que tudo se passa bastante semelhante aos elogios que vem recebendo a economia brasileira ao longo dos últimos anos - em especial, diante dos resultados apresentados pela economia em meio a essa megacrise por que passa o sistema capitalista.

Rubinho Barrichello, piloto de grande potencial na Fórmula 1, apresenta resultados medíocres e ruins, igual ao resultado apresentado pela economia brasileira nos últimos trinta anos e, também, durante o Governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Rubinho e a economia brasileira estão atualmente recebendo elogios diante de resultados que não têm nada de relevante. Elogios e resultados medíocres fazem parte da carreira desse piloto até na escuderia Ferrari, quando, para assegurar a vaga na equipe, sujeitava-se à posição subalterna de escudeiro do campeão. Somente por meio dessa posição e atitude, assegurava sua permanência na melhor e maior equipe da Formula 1, naquele momento; ficando, dessa forma, sempre fora das disputas dos títulos e sujeitando-se a ser lembrado no futuro como uma decepção de piloto.

Desempenho medíocre até nas declarações, pois consentia e aceitava seu papel submisso na Ferrari; mas tentou passar outra realidade aos brasileiros quando da mais recente visita de Michael Schumacher ao Brasil, em 2008, ao afirmar que deixara o alemão vencer obrigado pela equipe Ferrari e contra a sua vontade.

Também com dinâmica e elevado potencial, a economia brasileira tem-se sujeitado a apresentar resultados muito ruins, apenas para agradar e atender aos "mercados" e obter o *investment grade*, sem nenhum programa de desenvolvimento. Por

sorte, nos últimos anos, o capitalismo apresentou uma onda de elevado crescimento que beneficiou, em grande parte, o desempenho da economia. Semelhante às declarações de Rubinho contra Schumacher, o governo brasileiro, ao obter uma melhora relativa na fraca taxa de crescimento da economia, sempre procurou alegar que esse sucesso se devia a sua política econômica, que em nível macroeconômico somente repete os erros do governo passado.

A economia brasileira remou nos últimos 25 anos na política econômica determinada pela Trindade Profana (FMI, BID e OMC), no dizer de Ha-Joon Chang, em "Maus Samaritanos", e, no governo Lula, não ocorre qualquer rompimento ou mudança significativa na política macroeconômica de triste resultado do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), que aderiu incondicionalmente ao novo liberalismo.

É do conhecimento geral que, a partir dos anos 80, do século passado, período áureo do liberalismo, seus intelectuais e a grande mídia, apoiados em uma atitude de arrogância ideológica, pregaram que os mercados são autorreguladores e autoequilibrantes, possuindo uma dinâmica virtuosa de contínua expansão da atividade econômica. Esse discurso apologético e falso passou a dominar o coração e as mentes das elites subalternas e aculturadas da periferia do Capitalismo.

No Brasil, os economistas de mercado e os intelectuais formados nas universidades americanas passaram a dominar as escolas brasileiras, disseminando críticas a toda e qualquer política de planejamento e intervenção econômica do Estado, as quais taxaram de "populistas", mesmo até as que procuravam reduzir as flutuações cíclicas dos níveis de produto e emprego. Estes economistas ortodoxos consideravam-se os únicos e verdadeiros profissionais na área das Ciências Econômicas, desprezando toda e qualquer análise de política econômica alternativa.

Esses ultraliberais transformaram o liberalismo em neoliberalismo e divulgaram uma ideia de liberalismo individual mais radical e doutrinário que

o pregado pela escola liberal anterior. Suas atitudes propiciaram que as finanças fossem dirigidas rumo à financeirização, levando o Estado brasileiro, a carga tributária e as despesas públicas a ficarem reféns do gasto e do capital rentista.

Agora, diante do horror do desempenho econômico do final de 2008, e do ano perdido em 2009, os outrora liberais e os principais veículos da explosão financeira estão a reivindicar dos governos medidas para deter a crise financeira e para diminuir a perda de riqueza - que tem levado muitas pessoas para abaixo da linha de pobreza e que também tem varrido a fortuna dos bilionários, como demonstra o *ranking* da revista americana *Forbes*.

Atualmente, o Produto Interno Bruto (PIB) de grande parte da economia mundial, especialmente o dos países em desenvolvimento, apresentam forte retração. A América do Norte, a Europa e o Japão já registram recessão desde dezembro de 2007. Essa crise econômica é global e ninguém sairá completamente ileso dela. Entre os emergentes, o México (-10,3%) e a Rússia (-10,9%) apresentaram fortes quedas do PIB, também no segundo trimestre do corrente ano.

O problema econômico atual no sistema financeiro dos Estados Unidos da América (EUA), depois da farra e fartura de crédito fácil, financiado por operações arriscadas e fajutas, não foi ainda resolvido e tem levado à "estatização" da economia americana e de suas principais empresas. Empresas como o *Citigroup*, *Bank of América*, *Lloyds Bank*, *J. P. Morgan*, *GM*, *Ford* e todos os outros ícones financeiros, ou não, erguidos pelo livre-mercado, incluindo ainda as maiores empresas dos setores mais importantes da economia americana, que estavam à beira da bancarrota ou balançando perigosamente, foram estatizadas e têm recebido ajudas bilionárias do Governo americano.

Não é possível deixar de perceber que nos EUA a crise não pode ser resolvida sem um mínimo de intervenção estatal possível e, depois, deixar o resto para que o livre-mercado faça o seu trabalho, expurgando os incompetentes. Apesar desse quadro gravemente recessivo, são desconhecidas a profundidade, a extensão e as possíveis ameaças ainda submersas na economia americana. A única certeza que se pode ter na atualidade é a de que a crise econômico-financeira vai fazer a economia mundial contrair-se em 2009 - e com a economia brasileira não será diferente.

Porém, a sincronia planetária, fruto da globalização, tem levado a crise global a gerar ondas de impacto através de retrações sucessivas da demanda mundial. Nessa realidade, como no período de bonança global que havia estimulado o ritmo de expansão das economias emergentes, a crise mundial levará essas economias a sofrerem os efeitos recessivos da crise e efeitos que ainda estão a caminho.

As economias emergentes já sofreram, principalmente, pela queda nos preços das *commodities* e na quantidade das exportações, pelo menor acesso ao financiamento externo e, sobretudo, pela queda nos investimentos externos. Assim, muitos países emergentes parecem se tornar vítimas inocentes da crise econômica global.

Esta é a tese preferida dos economistas. No início do ano, em São Paulo, o economista americano Nouriel Rubini afirmou que o Brasil é uma "vítima acidental" da crise econômica global. Na mesma linha, em entrevista, o também americano e prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, afirmou que o Brasil já é uma das "vítimas inocentes" da crise mundial.

Esses renomados profissionais esqueceram que os países que aderiram à globalização sem ressalvas abdicaram parte relevante de sua autonomia na política de desenvolvimento econômico. O Brasil, ao aderir incondicionalmente ao processo de globalização financeira, passou a dispor de reduzida capacidade de crescimento, desvinculada da dinâmica da economia mundial; recebeu os benefícios do *boom* do recente processo de crescimento mundial e sofrerá bastante os impactos da recessão global.

O Governo do presidente Lula, que adotou a mesma política macroeconômica do governo anterior - *superávit* primário, metas de inflação e câmbio flexível -, manteve o Brasil refém da mesma agenda conservadora de Fernando Henrique Cardoso, que se viu diante de várias crises (México, Tigres Asiáticos, Rússia, Argentina e mesmo o Brasil em 1999, 2001 e 2003).

Assim, diferentemente do discurso corrente, a economia brasileira não é uma vítima inocente ou acidental da crise global. O governo Lula, que parecia "protegido por Deus", apenas não havia enfrentado crises como as que constantemente vitimaram o governo Tucano. Desse modo, como no governo anterior, continuamos com a política do *stop and go*, sem projeto - assim, a política

econômica do governo Lula poderá receber o prêmio que foi dado a Fernando Henrique Cardoso, só que em dose muito mais elevada.

Com certeza, pode-se afirmar que, como no passado, estamos diante de mais uma crise do sistema capitalista – que não é a primeira e nem será a última “grande crise” desse sistema, uma vez que o capitalismo apresenta a característica de ser inerentemente instável, tendo crises periódicas; e, dessas crises, sempre tem ressurgido mais vigoroso, mais dinâmico e mais pujante que antes. Não será o fim do mundo; mas a crise causará muita desolação, tristeza e dor.

Atualmente, já se ouvem as vozes dos economistas de banco e de mercado falando em recuperação rápida da crise. Todavia, não há nada a comemorar. É cedo demais para dizer que o pior já passou. Como afirma o prêmio Nobel de 2008, Paul Krugman (2009), em “Evitando o pior”, no Terra Magazine: “a situação econômica continua terrível, na verdade pior do que quase toda e qualquer pessoa achava possível até pouco tempo atrás”.

A nossa percepção é de que a crise vai demorar bastante e o ambiente de dificuldade vai continuar por muito mais tempo, pois a economia mundial apresentará uma reação fraca. Trata-se de uma grave crise estrutural do capitalismo e a economia do Brasil que está, atualmente, apenas iniciando um processo de retração, será afetada muito mais do que a maioria dos economistas acredita. Os efeitos defasados da crise ainda estão por vir e a economia brasileira será duramente atingida pela crise econômica.

Mas, afinal de contas, o que tem a ver o desempenho do piloto Rubinho Barrichello e o desempenho da economia brasileira? Como Rubinho Barrichello, nossa economia volta a ser motivo de comentários e elogios e também é tratada como estrela em ascensão diante da crise que vive o sistema capitalista. Como Rubinho - que iniciou a carreira na Fórmula 1 pela Jordan, em 1993, e era precedido de grande esperança de ter uma carreira vitoriosa, por se tratar de um piloto “fora de série” -, da economia brasileira sempre se espera um desempenho altamente favorável, dado o seu excepcional potencial, sua dinâmica e seu passado de crescimento acelerado.

Acontece que o desempenho da economia brasileira, igual ao de Rubens Barrichello, apesar de ser alvo de elogios a respeito do desempenho em meio à megacrise mundial, deixa muito a

desejar. O Programa do Crescimento Econômico (PAC) se revelou uma ação limitada do Estado para o desenvolvimento econômico. Dois preços básicos da economia, taxa de câmbio e taxa de juros, estão desalinhados e assistimos a uma elevada sobrevalorização cambial durante quase todo o governo Lula, que reduz nossa competitividade nas exportações e torna a economia brasileira cada vez mais especializada na exportação de *commodities* agrícola e de produtos industriais de baixo valor agregado.

Nunca foi verdadeiro o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que “nunca antes na história desse país” tivemos um governo tão competente, que apresenta um desempenho tão favorável no campo econômico e social. O crescimento econômico do Brasil não revela dados para serem comemorados como auspiciosos. Muito pelo contrário. Conforme percebeu João Paulo de Almeida Magalhães, em entrevista à revista Desafios do Desenvolvimento, do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), a economia brasileira precisa crescer aceleradamente para recuperar o atraso dos últimos 40 anos, além de criar emprego e continuar a ter importância diante da elevada dinâmica dos países emergentes do BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China.

Nos anos 1980, na chamada “década perdida”, a medida de crescimento do PIB brasileiro foi de apenas 3,35%. Na década neoliberal de Collor e FHC, nos anos 1990, o crescimento médio foi ainda pior, ficando no medíocre 1,65%. A média da primeira década do século XXI, período final do último governo FHC, somada aos dois mandatos de Lula será apenas 3,41%, se, na melhor hipótese, o crescimento de 2009 for de 1%. Muito igual ao da famosa “década perdida”.

Somente no governo petista, o primeiro mandato de Lula terminou com uma média de crescimento do PIB de 4%, apenas igual à necessária para absorver a mão de obra jovem que ingressou no mercado de trabalho, segundo pesquisa do IPEA. Em meio à crise, o segundo mandato de Lula não deverá nem se igualar ao crescimento obtido no primeiro, atingindo os 3,83%, mesmo supondo uma previsão altamente favorável de crescimento em 1999 (1%) e 2000 (3,5%). O segundo mandato, mesmo com uma maior participação do Estado na política econômica, veio com muito atraso; e no final deste seu segundo mandato Lula apresentará

uma média inferior ao do primeiro, que já foi fraco.

Rubens Barrichello possuía um currículo apreciável antes de adentrar a Fórmula 1. Barrichello havia conquistado cinco títulos brasileiros e cinco títulos paulistas no kart, sendo considerado um piloto imbatível naquela época. Viajou para Europa e foi competir na Fórmula Opel, sagrando-se logo campeão, em 1990, ano de sua estreia, com seis vitórias, sete *pole positions* e sete voltas mais rápidas. No ano de 1991, sagrou-se campeão da Fórmula 3. Passou para a Fórmula 3000 com apenas dezenove anos, tendo obtido a terceira classificação geral da temporada de 1992. Na fórmula 1, desde 1993, há dezesseis anos, já disputou 278 Grandes Prêmios e revelou-se um piloto pouco afeito a vitórias, fraco e muito subserviente aos objetivos do dono da equipe.

O governo Lula e o PT também possuíam um currículo invejável antes de assumirem o poder em 2003. Originário das camadas trabalhadoras, este partido se revelou combativo e alternativa contra o marasmo e o continuísmo das elites conservadoras no Brasil. Com uma plataforma que pregava a ética na política, aparecia como real e única alternativa de desenvolvimento para a economia brasileira. Logo, um brilhante metalúrgico assumiu a liderança e comandou o crescimento do Partido dos Trabalhadores – Luiz Inácio Lula da Silva. No governo, desde 2003, apesar de apresentar elevadíssimos índices de popularidade, o presidente Lula preferiu o poder, usou de uma política de conciliação em favor do rentismo e do capital, maculando seu passado brilhante.

Rubens Barrichello tem a possibilidade de ainda ser campeão neste ano. Embora não seja um especialista em corridas automobilísticas, não acredito nessa possibilidade. Rubinho tem potencial, mas lhe faltam atitude e coragem para as grandes conquistas. O passado de Rubinho o condena. O governo Lula teve o primeiro e o segundo mandato para iniciar a construção de uma alternativa para o Brasil. O partido dos Trabalhadores alegava ter projeto, tinha pessoal com capacidade e habilitado, iniciou com elevado apoio, mas “teve medo de ser feliz”. Em nível macroeconômico, somente repetiu a política do PSDB, de *superávit* primário, câmbio flexível e metas de inflação, que tinha como fiador Antonio Palocci e, posteriormente, Henrique Meireles. Esse mesmo Meireles, estrela aclamada pela mídia burguesa, que passou a ser o fiador e escudeiro da

política econômica de Lula, na verdade, tem sido um dos principais responsáveis pelo fraco desempenho da economia brasileira, que não soube aproveitar a maior onda de crescimento apresentado pela economia capitalista nos últimos tempos.

O cruel de toda essa história é que são justamente as medidas progressistas, tão criticadas pelos economistas de mercado, as que se revelaram ser a virtude do governo de Lula, principalmente em meio e diante da grave crise por que passa o capitalismo global. O aprofundamento das políticas sociais localizadas - iniciadas com D. Rute Cardoso, o gasto público, o aumento real do salário mínimo e o estímulo ao crédito para a camada da população de mais baixa renda que não tinha acesso ao crédito - têm permitido manter o consumo da população, abrandar a retração da economia e diminuir a virulência da crise na economia brasileira.

Possuidora de enorme potencial e dinâmica, a economia brasileira não foi dirigida para o desenvolvimento, nem muito menos para atender a nação. A opção pelo poder faz do governo Lula uma fraude, trabalha a favor do rentismo, dos muito ricos, gastando apenas um pouco com os muito pobres e quase nada com investimento. Mas, assim como Barrichello pode vencer, o governo Lula pode ainda realizar reformas. Acontece que o que realizou até hoje não o qualifica para mudança. Faltam atitudes e coragem para a grande mudança.

O governo Lula, mesmo respaldado por elevados índices de popularidade, passará para a história como um governo que conseguiu, ao mesmo tempo, desmoralizar o PT e mostrar que, fora a opção das elites pelo desenvolvimento dependente e associado da via neoliberal, os partidos políticos no Brasil não possuem opção de desenvolvimento econômico para a nação. Todos, sem exceção, revelam apenas uma opção de luta pelo poder.

Triste é perceber que, ao longo de toda sua história, o PT não possuía nenhuma proposta de desenvolvimento econômico para o Brasil, conforme sempre propalava. Assim, não foi muito difícil que seus filiados fossem facilmente cooptados pelo poder e pelo capital, ao assumirem postos-chaves no Estado. O capital é por demais sábio. Criou uma elite, uma casta de trabalhadores que se julga diferenciada e, por isso, sempre atua em benefício do capital. Nas universidades, distribui bolsas de pesquisa, aliena os jovens cientistas e trabalha

para conter cientistas de uma linha progressista ou revolucionária a batalharem por um projeto de desenvolvimento social nacional. No Estado, o governo não atua diferente e delega funções, honrarias e poder, além de gratificações e comissões polpudas em postos de assessoramento, que são sempre muito bem aceitos pelos partidos no poder e não outra é a atitude de parte dos militantes e da máquina petista.

Enquanto isso, a guerra civil instalada na sociedade brasileira avança até nas cidades interioranas e de menor porte, a cada dia. No “mundo do faz de conta” ou na “terra do nunca” televisivo, os principais órgãos de comunicação alienam a população com a miragem do sucesso e da vitória de um atleta brasileiro no exterior. Tem

certa dose de razão o senador Flávio Arns, ex-PSDB e hodiernamente no PT, ao declarar sentir vergonha do atual PT, quando da luta de poder já em torno da eleição presidencial de 2010, que levou o Senado a deflagrar uma batalha ridícula em torno da cassação do ex-presidente José Sarney; aliás, de triste memória.

Assim, acelera Rubinho!

Rubens Barrichello é Brasil na Fórmula 1!

***Professor Adjunto da UFPI, Chefe do Departamento de Ciências Econômicas e Mestre pelo CAEN-UFC.**

EFEITOS DAS EXPORTAÇÕES DE CERA DE CARNAÚBA SOBRE O MEIO AMBIENTE

por **Alyne Maria Sousa Oliveira*** e **Jaíra Maria Alcobaça Gomes****

Introdução

A natureza e a intensidade dos fluxos comerciais acarretam necessariamente impactos positivos ou negativos sobre o meio ambiente, assim como a implementação de políticas de cunho ecológico produz efeitos que podem potencializar ou inibir a comercialização dos bens.

A exploração da cera de carnaúba iniciou há um século e seu auge econômico ocorreu nos anos compreendidos entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, quando era empregada quase exclusivamente na fabricação de pólvora; entretanto, ainda representa o segundo item da pauta de exportações piauienses, correspondendo a um quinto das divisas do Estado.

Atualmente, apresenta-se como um produto extremamente versátil, uma vez que sua utilização dá-se em mais de uma centena de ramos industriais, principalmente como insumo para as indústrias de cosméticos, alimentícia, farmacêutica, informática e química - esta última compreendendo a fabricação de polidores em geral, tintas, vernizes e lubrificantes.

Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte monopolizam o fornecimento mundial de cera de carnaúba, cuja produção é eminentemente direcionada à exportação, destacando-se os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Formosa e Itália como principais destinos das exportações piauienses do produto.

À luz desta concepção, é relevante avaliar a interação entre o comércio internacional da cera de carnaúba e o meio ambiente - visto que este é um produto da exploração de um importante recurso natural disponível na Região Nordeste -, partindo da análise dos seus efeitos ambientais diretos e indiretos.

Neste sentido, cumpre saber se o comércio da cera de carnaúba pode ser considerado sustentável sob o ponto de vista ambiental, ou seja, se este fluxo apresenta externalidades positivas, ou pelo menos não acarreta desdobramentos negativos sobre o meio físico.

Este trabalho apresenta as contribuições acerca da interação entre comércio e meio ambiente, os